

Estudo do léxico em Libras: uma análise composicional de dicionários e sinalários de diferentes momentos históricos

Study of the lexicon in Libras: a compositional analysis of dictionaries and signalers from different historical moments

Bruno Pierin Ernsen* 

Carlos Antonio Jacinto** 

RESUMO: Sabe-se que, em termos de análise histórica de qualquer língua, o registro do léxico mostra-se de primordial importância. No caso de línguas minoritárias, a exemplo da Libras, a produção de sinalários e glossários pode contribuir com a documentação dessa língua e seu posterior estudo (Quadros *et al.*, 2020). Entendendo a produção de sinalários como resultado de uma política linguística, nos propomos, neste estudo, analisar os aspectos composicionais, isto é, os recursos micro e macroestruturais, e as possíveis implicações relacionadas à interação dos usuários com as interfaces a partir da investigação de seis sinalários da Libras, três impressos e três digitais. Amparados em um estudo de natureza qualitativa (Gibbs, 2009), caracterizado como pesquisa documental (Moreira, 2002), conseguimos verificar que as produções impressas e digitais tendem, apesar de a partir de recurso distintos, a pautar-se em aspectos visuais e de iconicidade, ao mesmo tempo que, muitas das ferramentas, privilegiam a língua portuguesa escrita como língua de

ABSTRACT: It is known that, in terms of historical analysis of any language, the record of the lexicon is of primary importance. In the case of minority languages, such as Libras, the production of signalers and glossaries can contribute to the documentation of that language and its subsequent study (Quadros *et al.*, 2020). Understanding the production of signs as a result of a linguistic policy, we propose, in this study, to analyze the compositional aspects, that is, the micro and macrostructural resources, and the possible implications related to the interaction of users with the interfaces based on the investigation of six Libras signs, three printed and three digital. Supported by a qualitative study (Gibbs, 2009), characterized as documentary research (Moreira, 2002), we were able to verify that printed and digital productions tend, despite using different resources, to be based on visual and visual aspects. iconicity, at the same time that many of the tools privilege written Portuguese as the language of construction. Therefore, our analyzes and

* Doutorando pela UFBA. Docente de Libras na UFBA. brunoernsen87@gmail.com

** Doutorando pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Docente de Libras e de Literatura Surda na UFJF. carlos.antonio@ufjf.br

construção. Mediante isso, nossas análises e reflexões indicam a necessidade de obras que privilegiem ou ampliem o espaço atribuído à Libras, uma vez que essa é a língua objeto de estudo dos sinalários e, em termos de constituição, devem prezar pela combinação de aspectos iconográficos associados a uma descrição linguística, tendo em vista que se trata também de um instrumento de estudo linguístico.

PALAVRAS-CHAVE: Léxico. Libras. Dicionários.

reflections indicate the need for works that privilege or expand the space attributed to Libras, since this is the language that is the object of study of signage and, in terms of constitution, must value the combination of iconographic aspects associated with a linguistic description, considering that it is also a linguistic study instrument.

KEYWORDS: Lexicon. Brazilian Sign Language. Dictionaries.

1 Introdução

A história do surgimento dos estudos linguísticos da Libras é caracterizada por pouco registro e também pela ainda recente discussão no âmbito acadêmico, pois as línguas de sinais, em geral, apesar de sempre existirem, por serem línguas naturais, não eram reconhecidas como tal, tanto do ponto de vista dos estudos científicos quando das políticas linguísticas. Um instrumento resultante de estudos e políticas linguísticas tem sido os dicionários de línguas de sinais que, por serem línguas minoritárias (Lagares, 2018), demandam suportes linguísticos a fim de assegurar sua documentação (Quadros *et al.*, 2020).

A partir da observação desta lacuna e reconhecendo os dicionários como artefatos resultantes de políticas linguísticas, buscamos, neste estudo, do ponto de vista histórico e diacrônico, investigar o processo de constituição de seis dicionários da Libras, uma vez que entendemos-os como um instrumento de registro histórico que nos possibilita acessar e recuperar parte desse processo de constituição da língua. A fim de desenvolver essa investigação, selecionados três dicionários impressos e três digitais, sendo, respectivamente *Iconografia* (Gama, 1875), *Linguagem das Mãos* (Oates, 1969), *Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue Língua de Sinais Brasileira - Novo Deit-Libras (volumes I e II)*, 3ª edição (Capovilla; Raphael; Mauricio, 2013), *Dicionário Libras*

- *Acessibilidade Brasil* (Lira; Souza, 2011), *Dicionário de Libras - UFV* (CEAD - UFV, 2015) e *Glossário Libras - UFSC* (Stumpf et. al, 2006).

Este artigo busca analisar aspectos composicionais e possíveis implicações de interação em interfaces - dicionários e glossários de Libras - nos formatos impresso e digital. Pretende-se, ainda, com esta investigação, identificar e propor reflexões de como o desenvolvimento tecnológico tem contribuído com aspectos de usabilidade em dicionários e glossário em Libras e, conseqüentemente, possibilitado um acesso gratuito, democrático e mais igualitário a Surdos e ouvintes. E, ainda, trazer reflexões acerca da documentação histórica da Libras a partir desses instrumentos.

Em termos de estrutura, após uma breve introdução, apresentamos reflexões de cunho teórico, entendendo o dicionário como um instrumento de política e fortalecimento linguístico. Em seguida, descrevemos a constituição metodológica do estudo, trazendo a análise de elementos macro e microestruturais em dicionários, e outros pressupostos que nos possibilitaram compreender os dados. Após, passamos à análise e à discussão dos dados e, finalmente, traçamos algumas reflexões acerca da constituição desses instrumentos e destacamos formas e recursos que podem contemplar de maneira mais efetiva usuários da Libras inseridos na Comunidade Surda.

2 Pressupostos teóricos

Nesta seção, apresentamos os pressupostos teóricos do estudo. Inicialmente, partimos do âmbito das políticas linguística e compreendemos os dicionários como instrumentos de fortalecimento, documentação e manutenção linguística. Nas subseções seguintes, elencamos critérios que podem ser mobilizados na classificação e avaliação de dicionários.

2.1 Política Linguística e produção de dicionários de Libras

A trajetória de busca por reconhecimento da Libras como língua - tanto no âmbito legal quanto no convívio social onde a comunicação e a expressão se dão - é permeada por ações que visam minimizar as influências dos mitos e crenças que em diferentes momentos resultaram em disposições autoritárias sobre seus falantes.

Conhecer as filosofias e metodologias utilizadas para o ensino de Surdos ao longo da história, nos permite entender os esforços atuais da Comunidade Surda para a valorização e divulgação da Libras como língua. Para uma breve exemplificação das consequências destas imposições sobre a educação de Surdos no Brasil, podemos citar duas filosofias educacionais conhecidas como Oralismo e a Comunicação Total. Nesses períodos, a exclusão da Libras como o principal meio de comunicação e significação pelos Surdos levou ao evidente insucesso desses indivíduos na educação e conseqüentemente na abrangência de sua atuação social (Gesser, 2009).

A mudança deste quadro ocorreu a partir das mobilizações dos usuários da língua, sendo eles falantes nativos e outros participantes da Comunidade Surda, teóricos e pesquisadores que buscam alterar as concepções sobre a língua, que se organizaram socialmente e levaram à proposição de diferentes Políticas Linguísticas que foram importantes para o fortalecimento e a difusão da Libras.

Louis-Jean Calvet (2007), ao discutir sobre as Políticas Linguísticas, descreve que o nascimento do conceito “planejamento linguístico” vem de estudos sobre problemas linguísticos que levaram à necessidade de afastamento de imposições autoritárias sobre a língua. Assim, percebemos que a formulação das Políticas Linguísticas e o planejamento linguístico surgem mediante a identificação de problemas, os abrangendo a partir de uma perspectiva teórica, da delimitação de intervenções, o estudo de sua eficácia, as formas de torná-los efetivos e sua avaliação. Os processos de planejamento linguístico da Libras no Brasil são encabeçados por diferentes agentes, que transitam por setores oficiais e informais, e que possuem vínculos com aqueles que são usuários da língua.

Como destacado por Calvet (2007), o planejamento linguístico deve levar em consideração os vínculos entre línguas e sociedades como as teorias da Sociolinguística norteiam. Dentre as pesquisas desenvolvidas na área, é possível identificar o envolvimento de profissionais Tradutores e Intérpretes de Libras e Língua Portuguesa (TILSP), técnicos, professores e alunos Surdos e ouvintes. Esses agentes se empenham para estabilizar a Libras como língua de instrução através da criação de aulas sinalizadas que exploram os recursos linguísticos da Libras para a explicação de teorias específicas, mapeamento e catalogação de sinais de áreas específicas para a constituição de sinalários.

Um outro aspecto abordado pelo autor é o fato de que nem todas as línguas cumprirem as mesmas funções, isto é, caso se queira usar uma língua para uma campanha de alfabetização é necessário que essa tenha um sistema de escrita; uma vez que se queira ensinar informática em uma língua é primordial que em seu léxico haja termos de específicos da computação (Calvet, 2007). No entanto, quando se utiliza uma língua para uma determinada função, será necessário equipá-la, ou seja, fornecê-la uma embarcação de serviços que são necessários para cumprir a função.

Além disso, uma língua pode ser implementada em seu léxico, sendo a criação de terminologia bastante produtiva. No entanto, para esse tipo de criação, é necessário um estudo aprofundado do sistema de derivação, composição e raízes linguísticas, cabendo aos usuários da língua aceitarem ou não o neologismo (Calvet, 2007).

Desse modo, na busca pelo fortalecimento e divulgação social da Libras, entendemos que os dicionários e sinalários assumem esse papel enquanto instrumento mediador. Para Correia Ferreira (2013), dentre os diferentes produtos linguísticos voltados para a análise da face social da língua e que intervêm na regulação da norma linguística, temos os dicionários. E, assim como qualquer ferramenta, possui um propósito e função, que podem variar de acordo com os objetivos dos autores, mas também com base na sociedade, no tempo e no modo como são compreendidos pelos usuários.

Conforme Lagares (2018, p. 184), o dicionário pode ser compreendido como um “instrumento criado para recolher, classificar e oferecer definições canônicas para palavras que constituem o repertório lexical de um idioma”. Ainda segundo o autor, constitui-se em um repertório aberto e sempre sujeito a renovação.

Por um lado, o dicionário apresenta e descreve aquilo que os falantes sabem sobre o léxico da sua língua e, por outro, os falantes demandam de um instrumento que apresente o que é socialmente aceito ou não em uma determinada língua. Desse modo, o dicionário assume também uma dupla faceta, de descrição do léxico de uma língua e de prescrição (Correia; Ferreira, 2013). Para Lagares (2018) o dicionário pode ser usado como exemplo para ilustrar um instrumento de caráter normativo e que acaba tendo, em função do seu uso e efeitos, um caráter descritivo.

Segundo Correia e Ferreira (2013), os dicionários monolíngues atuam como forma de preservar o léxico de uma língua, de modo similar a um tesouro a ser preservado. Os dicionários bilíngues e multilíngues, por sua vez, são resultados de uma necessidade constante de mediação entre duas línguas. Assim como qualquer produto social, o dicionário também é atravessado por ideologias. Ademais, em termos de função, trata-se de “importantes instrumentos na fixação, regulação e desenvolvimento de uma língua” (Correia; Ferreira, 2013, p. 300), assim como o faz a gramática normativa, a literatura, a imprensa e outros meios.

Finalmente, por meio das considerações trazidas, constata-se que após a criação da Política Linguística que possibilitou o reconhecimento da Libras como língua oriunda da Comunidade Surda, verificou-se que as ações voltadas para sua implementação têm relação direta com os interesses da Comunidade Surda e são desenvolvidas com a participação efetiva desta (Brasil, 2002; 2005). Além disso, as ações tomadas envolvem pesquisadores ouvintes e Surdos, possibilitando a mediação em Libras como língua de instrução e formação do sujeito Surdo. Destaca-se que essas atividades aspiram aos interesses dos agentes Surdos, de modo que haja a real mediação por meio da Libras em todas as esferas sociais. Essas ações são formas de

instrumentalizar uma língua que durante séculos era tida como inferior às línguas orais e considerada como um empecilho para o desenvolvimento da oralização pelos Surdos.

2.2 História linguística e característica dos dicionários

Em determinados momentos históricos, tecnologias distintas foram adotadas em instrumentos voltados para o registro de línguas, a exemplo de descrições, ilustrações, fotografias e, mais atualmente, registro em vídeo. Nesses primórdios, uma alternativa possível para a materialização de uma língua de sinais era seu registro por meio de uma descrição composicional e de realização dos sinais e a adição de ilustrações, a exemplo da produção dicionarísticas mais antiga em Libras que se tem registro, o dicionário *Iconografia dos Signaes dos Surdos-Mudos*, de Flausino Gama (1875). Segundo Diniz (2011), Sofiato (2012) e Knapki (2022), este é o primeiro dicionário encontrado referente à Libras, tratando-se de uma obra de extrema importância para o estudo do processo histórico dessa língua. De acordo com Sofiato (2012, p. 569):

O primeiro documento produzido no Brasil para orientar a aprendizagem e consulta de sinais manuais por pessoas interessadas em comunicar-se com surdos foi a “Iconografia dos Signaes dos Surdos-Mudos” publicado em 1875, criada por iniciativa de Flausino José da Costa Gama, que fora aluno do Imperial Instituto dos Surdos-Mudos, com o apoio do então diretor Dr. Tobias Leite.

Nesse caso, Flausino José da Costa Gama trouxe o léxico copiado diretamente do original de Pélissier, e trabalhou a tradução da língua francesa para a língua portuguesa. Nesse sentido, “[...] verificou-se que a obra de Flausino é uma cópia direta do original de Pélissier, trazendo o mesmo léxico” (Sofiato; Reily, 2014, p. 111), trazendo apenas uma tradução para o Brasil, registrado em língua portuguesa.

O dicionário *Iconografia dos Signaes dos Surdos-Mudos* computa 382 verbetes, distribuídos nas categorias de “alimentos e objetos de mesa”, “bebidas e objetos de

mesa”, “objetos da aula”, “individualidades e profissões”, “animais”, “pássaros, peixes e insetos”, “adjetivos (qualidades morais)”, “pronomes e os três tempos verbais” e “verbos” (Constâncio, 2022).

Passados 94 anos dessa primeira publicação, observamos a criação do dicionário ilustrado *Linguagem das Mãos*, que foi publicado em 1969, pelo padre estadunidense Eugênio Oates. Assim como a obra anterior, essa também prevê ilustrações e uma descrição da realização dos sinais. Contudo, a ilustração é feita por meio de fotografias em preto e branco, e não mais desenhos. O dicionário de Oates (1969) foi publicado com o objetivo de ajudar as pessoas ouvintes a se comunicarem com os surdos. Em seu prefácio, temos que:

O objetivo principal deste manual é, simplesmente, o de ajudar os surdos-mudos brasileiros a terem um melhor entrosamento na sociedade e que haja um melhoramento contínuo na sua vida social, educacional, recreativa, econômica e religiosa. É, também, minha esperança que o livro seja útil a todos aqueles que têm contato com os surdos (Oates, 1969, p. 12).

Nesse sentido, comparado a outras obras, podemos considerar que temos uma obra mais completa, uma vez que esta detalha a realização do sinal e também apresenta registro fotográfico preto e branco dos sinais. Existem 1.276 verbetes e 325 páginas no livro *Linguagem das Mãos*.

Uma obra de grande relevância para a área da Libras é o dicionário impresso *Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue Língua de Sinais Brasileira - Novo Deit- Libras (volumes I e II)*, 3ª edição (Capovilla; Raphael; Mauricio, 2013). O dicionário conta com 10.269 verbetes, apresentam desenhos lineares, há uma descrição detalhada da realização do sinal, o seu respectivo sinal registrado em *SignWriting* (SW) e segue, em termos de padronização, a ordem alfabética.

O quadro 01 abaixo sintetiza parte do processo histórico da linguística da Libras a partir da produção de dicionários.

Quadro 01 - Lexicografia da Libras em dicionários impressos.

Século	Ano de publicação	Nome da obra	Autor	Instituição	Verbetes
XIX	1875	Iconographia dos signaes dos surdos-mudos	Flausino José da Costa Gama	Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES) – Rio de Janeiro, RJ	382
XX	1969	Linguagem das mãos	Eugênio Oates	Aparecida do Norte (SP), Editora Santuário	1.276
XXI	2013	Dicionário enciclopédico ilustrado trilingue: língua de sinais brasileira - Novo Deit- Libras (volumes I e II), 3ª edição	Fernando César Capovilla, Walkiria Duarte Raphael e Aline Mauricio	São Paulo (SP), Editora da Universidade de São Paulo – Edusp	10.269

Fonte: autoria própria.

Atualmente, as Comunidades Surdas têm à sua disposição, além de obras físicas, produções dicionarísticas digitais para acessarem. Nesses casos, esses sujeitos podem optar por utilizar e aprender Libras através de recursos digitais, a exemplo de sites, aplicativos e, principalmente, redes sociais (*Instagram, Youtube, Facebook* e outros), uma vez que, em muitos dos casos, tratam-se de ferramentas gratuitas e de livre acesso.

Nesse sentido, Surdos e ouvintes também têm se valido de dicionário digitais/on-line para esse processo de consulta e aprendizado, já que, diferentemente dos dicionários listados no quadro acima, nas ferramentas digitais, as pessoas podem acessar em qualquer espaço de forma gratuita, desde que estejam conectados à internet, a partir de diferentes dispositivos eletrônicos.

O *Dicionário Libras - Acessibilidade em Libras*, trata-se do primeiro a ser lançado digitalmente em um site, no ano de 2005, tendo como autores Tanya Amara Felipe de Souza e Guilherme de Azambuja Lira. Acerca da necessidade de sua produção, de acordo com Freitas (2021), o projeto que deu origem ao dicionário iniciou-se em 1997, a partir da ampliação no uso de tecnologias digitais por estudantes Surdos do INES.

Como resultado desse projeto, apesar da ampla circulação e uso das tecnologias, os organizadores identificaram lacunas no processo de aprendizado da língua portuguesa escrita, sendo que a criação do dicionário teve como objetivo apoiar os processos comunicativos e didáticos dos estudantes. Segundo Martins (2018, p. 09), trata-se de um material:

[...] com temas distribuídos entre frutas, religião, países entre outros. Nesse dicionário virtual há uma quantidade mínima de sinais específicos. Esse software de glossário possui um sistema de busca por ordem alfabética, por assunto ou configuração de mão, apresentando a palavra e sua aceção, vídeo, classe gramatical, exemplos em língua de sinais e em Língua Portuguesa, configuração de mão e origem.

Ainda nesse período, a partir da publicação do decreto 5.626 (Brasil, 2005), há um movimento nacional, em especial na Universidade Federal de Santa Catarina, no investimento de formação docente para o ensino de Libras, o que culminou na criação na primeira Licenciatura em Letras-Libras, em 2006, pela instituição. Nesse sentido, observando-se o uso e circulação de terminologias em vários campos do saber em Libras, houve a necessidade de mapeamento, registro e divulgação desses sinais especializados. Desse modo, temos nesse contexto a criação do *Glossário de Libras*, da UFSC, como resposta às demandas do curso. Conforme Freitas (2021), observada a necessidade de produção e tradução de materiais para o curso, os novos sinais-terminos adotados foram mapeados e disponibilizados nesse instrumento especializado.

Seguindo a proposta e a partir da mesma necessidade da UFSC, algumas universidades passaram a produzir sinalários que, além de apresentar um determinado léxico, pudesse ser adotado também no aprendizado da Libras por Surdos e ouvintes, além de facilitar a comunicação entre ambos. A fim de alcançar esse objetivo, é iniciado em 2017, na Universidade Federal de Viçosa, a produção do *Dicionário de Libras*, em parceria com a Coordenadoria de Educação Aberta e a Distância (CEAD), da instituição. Em investigação desenvolvida por Freitas (2021),

descreve-se as etapas e passos que envolveram a criação do dicionário, a exemplo de uma pesquisa bibliográfica, a seleção de sinais que poderiam ser inseridos, a realização de testes de usabilidade e a publicação do dicionário on-line, que se deu em 2019.

O quadro 02 sintetiza e ilustra parte do processo contemporâneo de produção de dicionários digitais.

Quadro 02 - Lexicografia da Libras em dicionários digitais.

Século	Ano de publicação	Nome da obra	Autor	Instituição	Verbetes
XXI	A partir de 2011	Dicionário da Língua Brasileira de Sinais V3 – 2011	Guilherme de Azambuja Lira e Tanya Amara Felipe de Souza	Acessibilidade e Brasil	Atualização constante
XXI	A partir de 2017	Dicionário de Libras - CEAD UFV	Projeto Inovar +	Realização: DPE/UFV, DLA/UFV, DCS/UFV e Cead/UFV	Atualização constante Média de 500 sinais que servem de base para a formação de outros léxicos ¹
XXI	A partir de 2006	Glossário Libras - UFSC	Marianne Stumpf e colaboradores	Realização: UFSC	Atualização constante

Fonte: autoria própria.

Nesse primeiro momento, uma observação que podemos fazer é que, diferentemente das obras físicas que possuem um número fechado de sinais e demandas novas edições para que haja a atualização, as obras digitais podem ser

¹ Segundo Freitas (2021), foram gravados e inseridos uma média de 500 sinais, e esses podem ser utilizados para gerar outros sinais, o que amplia esse quantitativo inicial.

atualizadas constantemente sem a necessidade de aquisição de uma outra obra ou exemplar, já que essa atualização ocorre no próprio portal digital, não impactando o acesso pelos usuários.

2.3 Aspectos composicionais de obras dicionarísticas

Os aspectos linguísticos da Libras são estudados pela linguística, ou seja, uma área do saber que se volta para o estudo científico da linguagem verbal humana. A Libras, assim como qualquer língua natural, também pode ser analisada a partir de níveis linguísticos, tais como o fonológico, o morfológico, o semântico e o pragmático. De forma mais detalhada, um dos principais pesquisadores sobre a fonologia das línguas de sinais foi William C. Stokoe (1960). O referido pesquisador, em 1960, observou que as línguas de sinais são língua, contrariando o senso comum da época, em que se pensava, erroneamente, que as línguas de sinais eram gestos e que não eram capazes de possibilitar a abstração. Assim, Stokoe (1960) se debruçou em pesquisar os aspectos gramaticais da língua de sinais, despertando, assim, o interesse de outros estudiosos de outras línguas de sinais pelo mundo (Quadros; Karnopp, 2004).

Em termos de produção de dicionários, as publicações anteriores aos estudos de Stokoe, em 1960, são classificadas como pré-Stokoe, e buscam registrar sinais a partir da sua descrição iconográfica. Após o desenvolvimento dos estudos do autor, além dessas propriedades iconográficas, as obras passaram a registrar informações linguísticas, sendo classificadas como pós-Stokoe (Martins; Capovilla, 2018).

Segundo Martins e Capovilla (2018) a lexicografia das línguas de sinais pode ser dividida em três etapas ou fases, sendo a pré-stokoeana, a stokoeana e pós-stokoeana. Nesse caso, a pré-stokoeana é dicionários produzidos até o século XX. De acordo com Capovilla, Mauricio e Raphael (2015) *apud* Martins e Capovilla (2018, p. 29):

[...] dicionários pré-Stokoeanas compreendem aqueles feitos até meados do século XX, como os de Língua de Sinais Francesa, ou LSF (L'ÉPÉE, 1776; FERRAND, 1897; SICARD, 1808; BÉBIAN, 1825; VALADE, 1854;

PÉLISSIER, 1856) e de Língua de Sinais Brasileira, ou Libras (GAMA, 1875).

Além do período histórico e características, podemos analisar um dicionário em termos de estruturação, a composição de uma obra dicionarística envolve, segundo Dapena (2002), dois eixos fundamentais: a macro e a microestrutura. Desse modo, para a análise do material, adotaremos as discussões sobre macroestrutura e microestrutura propostas por Faulstich (1995, 2011) e Dapena (2002).

Segundo Dapena (2002), a macroestrutura constitui-se por todas as entradas distribuídas a partir de uma determinada ordem, associada a microestrutura que também disponibiliza informações também dispostas de acordo com um padrão, a exemplo de informações fonéticas, morfossintáticas, semânticas e pragmáticas de um determinado artigo lexicográfico. Ao pensarmos essas mesmas informações voltadas para a Libras, esses dados e usos serão distintos, tendo em vista a organização dos dicionários em Libras, a maioria dos disponibilizados apenas apresentam o item lexical, ou seja, há apenas a representação do sinal. Logo, as pessoas os consultam buscando identificar algum sinal ou saber da sua existência na Libras ou não.

Em termos de macroestrutura, a maioria apresenta uma dependência com a língua portuguesa, sendo que a maioria das entradas só podem ser acessadas com termos inseridos nessa língua. Ainda são raros os dicionários em Libras que possuem como entrada alguma característica linguística dessa língua, a exemplo de uma configuração de mão, locação ou movimento. Ainda, sobre a microestrutura, a grande maioria desses instrumentos não apresentam informações fonéticas e fonológicas dos sinais, poucos trazem uma descrição semântica ou a aplicação em uma frase, assim como observado em outros dicionários de língua oral.

Outro aspecto a se considerar é que, em termos classificatórios, de acordo com Schmitz (2001), para além do dicionário de língua materna, podemos identificar obras que podem ser classificadas como bilíngue tradicional, semibilíngue e bilíngue especializado. No caso das obras bilíngues tradicionais, o autor discute que sua

problemática está relacionada a questão da não existência de sinônimos equivalentes entre línguas, isto é, para um determinado termo, pode ocorrer a possibilidade de múltiplos equivalentes na outra língua, não tendo a disposição, necessariamente, o contexto de uso ou aplicação de cada um desses equivalentes. Limita-se ao apresentar uma série de alternativas tradutórias para um determinado verbete fora de contexto.

No caso de um dicionário semibilíngue, ainda conforme o autor, trata-se de um avanço na área da lexicografia, uma vez que esse oferece ao leitor a utilização de orações-modelo nos verbetes, o que ajuda o leitor a adequar e apurar o significado de um verbete em ambas as línguas, uma vez que apresenta o verbete e possíveis alternativas tradutórias dentro de contextos de aplicação. Por exemplo, no caso do dicionário de Capovilla, Raphael e Maurício (2013), ao consultarmos o verbo “abrir” que, em Libras, é descrito como um verbo classificador que incorpora a forma do objeto usado para realizar aquela ação, podemos constatar que se trata de uma obra semibilíngue por apresentar os significados de uma entrada dentro de seu contexto.

O dicionário bilíngue especializado, por sua vez, aproxima-se do que se conhece como glossário ou sinalário, ou seja, apresenta equivalências tradutórias de termos técnicos e especializados de um ou mais campo do saber, ou seja, lida com a linguagem especiais de diferentes línguas.

3 Metodologia

Como apresentado, este trabalho volta-se para a análise de dicionários *on-lines* e impressos de grande importância, na perspectiva dos autores, para o estudo e difusão da Libras em território nacional. Nesse caso, nossa escolha se amparou no fato do dicionário de Gama e Oates serem as primeiras publicações que temos registros no Brasil, tratando-se, assim, de obras com enorme valor histórico. No caso da publicação de Capovilla, Raphael e Maurício (2013), a obra se destaca por ter passado por várias reedições e, no mercado atual, ser a obra mais completa em termos de descrição e sinais mapeados. No caso das publicações digitais, a relevância dos três dicionários se dá por

se tratar de obras vinculadas a universidades e instituições públicas que atuam na pesquisa voltada para a Libras.

Desse modo, por lidar com instrumentos voltados para o fortalecimento da língua, este estudo se ampara em um estudo de natureza qualitativa (Gibbs, 2009), caracterizando-se como uma pesquisa documental (Moreira, 2002), que se trata de uma técnica que possibilita a localização, identificação, organização e avaliação de informações contidas em distintos documentos, possibilitando-nos compreender sua constituição a acessar informações do seu contexto sócio-histórico.

Além disso, entendemos que, na contemporaneidade, o dicionário é fruto do trabalho de lexicógrafos, pode ser compreendido como uma instituição social, dada a sua contribuição, assim como acontece com a gramática normativa, no apoio a identificação de uma norma padrão a partir de usos institucionalizados de uma dada comunidade (Turazza, 2002). Os dicionários, principalmente os de primeira língua, apresentam usos como: dúvidas sobre a ortografia, conhecer ou esclarecer significados de termos, buscar informações de ordem gramatical, conhecer a etimologia, dentre outros usos (Butti, 2007).

Nessa análise, nos atentaremos a criação de aspectos macro e microestruturais, assim como já apresentado na seção anterior. Ainda, buscaremos classificá-los a partir de sua tipologia, ou seja, se trata-se de uma obra monolíngue em uma perspectiva mais tradicional, de um dicionário semibilíngue ou de uma produção especializada. No intuito de analisarmos todas essas características, selecionamos um verbete exemplar, isto é, um sinal, que estivesse presente em todos os dicionários. Desse modo, após uma primeira análise, verificamos que o sinal de “lápiz” é um vocabulário presente em todos os dicionários, sendo esse o exemplo analisado nos seis dicionários, o qual passa a ser analisado a seguir.

4 Resultados - Aspectos compartilhados e divergentes nos seis dicionários investigados

A seguir, sintetizamos os dados identificados em termos de aspectos macro e microestruturais em um quadro. Em seguida, a partir da análise do sinal de “lápiz”, passamos a discutir aspectos internos das obras.

Quadro 03 – Análise da macroestrutura e microestrutura.

Iconografia	Macroestrutura	382 verbetes divididos em categorias semânticas (alimentos, bebidas e outros), sem que haja uma ordem de classificação/agrupamento
	Microestrutura	Para alguns sinais, é possível identificar uma nota que detalha o processo de realização do sinal e que traz algumas explicações que justifiquem uma determinada realização ou sinal
	Tipo de obra	Dicionário Tradicional monolíngue
Linguagem das Mãos	Macroestrutura	Mais de 1.276 verbetes distribuídos em 325 páginas no livro. Em sua organização, constata-se uma padronização, iniciando com a fotografia à esquerda, a entrada/verbo em língua portuguesa e, um texto que detalha a composição e realização do sinal
	Microestrutura	Apresenta registro fotográfico preto e branco dos sinais e descrição. O autor mostra com detalhe por meio da descrição e da ilustração a realização do sinal
	Tipo de obra	Dicionário tradicional monolíngue
Dicionário enciclopédico ilustrado trilingue: língua de sinais brasileira - Novo Deit- Libras (volumes I e II)	Macroestrutura	Mais de 10.269 verbetes, através da busca em ordem alfabética de A a Z. Destaca-se também a apresentação de diferentes sinais de variação linguística regional
	Microestrutura	A obra apresenta o termo escrito, os estados que usam essa determinada variante, sua explicação em língua inglesa e na língua portuguesa, a aplicação em uma frase, a descrição dos aspectos composicionais do sinal, um desenho para ilustrar o verbo, uma ilustração em 2D do sinal usado e, finalmente, seu registro em <i>SignWriting</i>
	Tipo de obra	Dicionário semibilíngue
Acessibilidade	Macroestrutura	A busca ocorre pela palavra inteira ou seleção de outras palavras que contenham a parte pesquisada. Ainda, no caso da busca, pode-se seguir uma ordem de busca, que pode ser “alfabética” de A a Z, “por assunto”, ou “configuração de mão” da Libras
	Microestrutura	Há informações detalhadas do termo, considerando: acepção, aplicação em uma frase (exemplo), glosa com a

		frase na estrutura da Libras, imagem, vídeo do sinal em Libras, configuração de mão usada, origem do termo e classificação gramatical
	Tipo de obra	Dicionário semibilíngue
Dicionário de Libras UFV	Macroestrutura	A busca pode ocorrer pela “palavra” da entrada na Língua Portuguesa, pela “categoria temática” ou pela “configuração de mão” em Libras
	Microestrutura	Apresenta-se um vídeo com a entrada em Libras e um exemplo de frase na Língua Portuguesa
	Tipo de obra	Dicionário bilíngue
Glossário de Libras UFSC	Macroestrutura	A busca se dá pela combinação dos parâmetros da Libras “locação”, “configuração de mão” e “movimento” ou pela inserção da entrada em Língua Portuguesa
	Microestrutura	No caso dos retornos, se apresentam outras combinações de termos formados a partir da primeira entrada, um vídeo em Libras apresentando o sinal, sua descrição em Libras, um exemplo em Libras e outro(as) sinal(is) variante(s). Além disso, há a indicação de sinais relacionados, o termo em inglês, e a apresentação de alguns dos seus parâmetros. Temos, ainda, a possibilidade de avaliar o sinal
	Tipo de obra	Dicionário especializado

Fonte: autoria própria.

Como já indicado, o dicionário Gama (1875) foi o primeiro publicado no Brasil e, segundo Sofiato (2012, p. 569):

O primeiro documento produzido no Brasil para orientar a aprendizagem e consulta de sinais manuais por pessoas interessadas em comunicar-se com surdos foi a “Iconografia dos Signaes dos Surdos-Mudos” publicado em 1875, criada por iniciativa de Flausino José da Costa Gama, que fora aluno do Imperial Instituto dos Surdos-Mudos, com o apoio do então diretor Dr. Tobias Leite.

Sobre as informações que constam na citação, convém frisar que, por se tratar de uma obra histórica, observa-se o uso do termo “surdo-mudo”, no entanto, sabe-se que a pessoa surda não necessariamente é muda, uma vez que surdez e mudez são processos distintos. Logo, o termo usado atualmente é “surdo”.

Acerca das características composicionais do dicionário, ainda conforme Sofiato e Reily (2014, p. 111), temos que:

[...] a obra foi produzida por meio de litografia, técnica de gravura muito utilizada no Brasil no século XIX. Trazia como conteúdo 382 verbetes ilustrados, classificados por meio de indexação semântica, e estampas que apresentavam uma descrição verbal correspondente aos verbetes listados, com o intuito de auxiliar o leitor/aprendiz na realização dos sinais propostos.

É importante ressaltar que o autor da obra, Flausino José da Costa Gama, trouxe o léxico copiado diretamente do original de Pélissier, e trabalha a tradução da Língua Francesa escrita para a Língua Portuguesa. Nesse sentido, “[...] verificou-se que a obra de Flausino é uma cópia direta do original de Pélissier, trazendo o mesmo léxico” (Sofiato; Reily, 2014, p. 111), trazendo apenas uma tradução.

Flausino da Gama adaptou a obra para a língua portuguesa e, até hoje, é possível identificar alguns sinais semelhantes com a Língua de Sinais Francesa (LSF), conforme mostram algumas pesquisas que evidenciam as semelhanças entre Libras e LSF (Martins, 2018).

Em termos macroestruturais, a obra apresenta 382 verbetes divididos em categorias semânticas (alimentos, bebidas e outros), que, por sua vez, não possuem uma ordem de classificação/agrupamento previamente estabelecida, uma vez que um desses grupos iniciais é o de alimentos e um dos últimos é o de adjetivos e animais. Ainda, para alguns sinais, é possível identificar uma legenda que detalha o processo de realização do sinal e que traz algumas explicações que justifiquem uma determinada realização ou sinal. Além de não apresentar essa legenda com a descrição de todos os sinais, por se tratar de uma obra produzida no século XIX, a variedade de registro da língua portuguesa escrita é condizente com esse período. A seguir, fazemos a análise de um dos sinais registrados no dicionário.

Figura 01 – Sinal de “lápiz” na obra Iconografia.



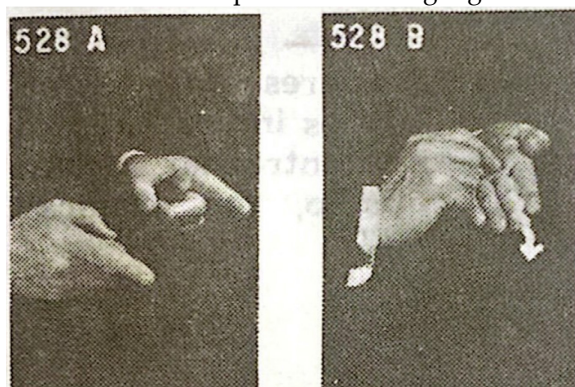
Fonte: Gama (1875, p. 18).

Observamos que o desenho é apresentado somente em branco e preto, não consta com a inserção de movimento pela mão, uma vez que este dicionário é mais antigo, do século XIX e, nesse período, esses recursos de produção eram mais escassos. Além disso, observamos uma variação na inserção de descrição, sendo que alguns dicionários possuíam e outros não, a exemplo do sinal de “lápiz” que não possui descrição.

O segundo dicionário, publicado por Padre Eugênio Oates, foi originalmente publicado em 1969, sendo relançado, como segunda edição, no ano de 1983, e segue sendo publicado até hoje (Douettes, 2015). Para este estudo, consultamos um exemplar da segunda edição, uma vez que ela é a que encontramos mais exemplares a disposição. Ainda, em termos composicionais, de acordo com Douettes (2015), não aconteceu nenhuma alteração de registro de sinais-termos entre a publicação da primeira e das demais edições.

A partir de 1969, o Padre esteve no Brasil como missionário para prestar serviço aos mais necessitados, tendo vindo dos EUA. Nesse período, iniciou sua atuação na região da Amazônia e começou a preocupar-se com o processo de catequização dos surdos, passando a realizar uma pesquisa de mapeamento de sinais-termos nas diferentes regiões que visitou (Douettes, 2015).

Figura 02 – Sinal de “lápiz” na obra Linguagem das Mãos.



Fonte: Oates (1969, p. 125).

Esse sinal é possível de ser aplicado a outros contextos, por exemplo caneta ou lápis ou outros. Além disso, apresenta fotografia em preto e branco, que ilustra com setas a direção e o tipo de movimento. Assim como acontece em outros sinais, é apresentada uma descrição acerca da realização do sinal, sendo que é indicado que o sinal é feito com a configuração de mão em “D”, separadas as palmas, medindo o comprimento do lápis e logo depois a “mímica” de escrever. Conforme pode ser observado nas ilustrações, essa é a única variante que se diferencia dos demais sinais.

No caso da obra de Capovilla, Raphael e Maurício (2009/2013), podemos verificar no exemplo que a microestrutura está conformada por: apresentação em Libras da palavra entrada, registro em SW, imagem, soletração digital em Libras, palavra em português, sigla, indicação da região em que é utilizada, seu equivalente em inglês, categoria e gênero, definição da entrada, exemplo e explicação sobre o uso dos sinais. Abaixo, ilustramos com o sinal de “lápiz” e, em seguida, discutimos esses aspectos.

Figura 03 – Sinal de “lápiz” na obra Dicionário enciclopédico ilustrado trilingue: língua de sinais brasileira - Novo Deit- Libras (volumes I e II).

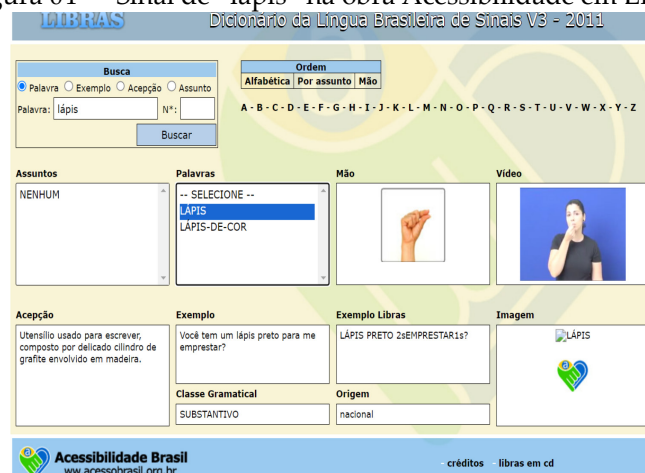


Fonte: Capovilla, Raphael e Maurício (2013, p. 1353).

Como ficou evidenciado, a obra apresenta uma ilustração, em forma de desenho, para representar o sinal, o desenho do sinal em Libras em preto e branco, também a inserção do registro em escrita de sinais, o que possibilita a percepção integral da composição do sinal. Além disso, descreve-se que se trata de uma variante presente nos estados de Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, São Paulo, Paraná, Pernambuco, Bahia e Rio Grande do Sul. Há a sua tradução para o inglês (*pencil*), descrição (Instrumento escrever, desenhar ou riscar, que consiste em ou contém um estilete de grafita ou de substância sólida, própria para marcar, com uma cor, superfícies, especialmente de papel ou de madeira), exemplo (Não esqueça de trazer lápis preto e borracha para fazer a prova), descrição sobre sua realização, em termos de parâmetros linguísticos (Mão horizontal fechada, palma para trás indicador e polegar distendidos e unidos pelas pontas, em frente à boca aberta. Esfregar as pontas dos dedos), ilustração, desenho do sinal e registro em *SignWriting*.

Sobre a obra *Dicionário Libras - Acessibilidade em Libras*, anteriormente editada pelo Instituto Nacional de Educação de Surdos e, hoje, administrada pela Acessibilidade Brasil, trata-se de um dos primeiros dicionários virtuais voltados para o registro de sinais da Libras. Para compreendermos sua estruturação, a seguir disponibilizamos a análise do sinal “lápis”, considerando aspectos macro e microestruturais de sua composição.

Figura 04 — Sinal de “lápis” na obra *Acessibilidade em Libras*.



Fonte: Acessibilidade Brasil (2024).

Como podemos constatar na captura de tela acima, a busca pelo sinal de “lápiz” se deu pela inserção do termo na língua portuguesa escrita. Em seguida, o dicionário retornou dois termos que possuem em sua estrutura interna as letras inseridas na entrada, sendo “lápiz” e “lápiz-de-cor”. Em termos de retornos, a obra disponibiliza uma imagem com a configuração de mão do sinal e um vídeo com a realização do sinal. Além disso, no caso das informações sobre o termo, temos sua aceção, um exemplo de frase na língua portuguesa, essa mesma frase na estruturação da Libras - registrada em glosa - a classe gramatical do termo, sua origem e uma ilustração. Destacamos que, no caso desse sinal, a ilustração encontra-se indisponível.

No caso do Dicionário de Libras, da Universidade Federal de Viçosa, em relação às possibilidades de busca, ao clicar-se em início, aparece uma tela que indica as diferentes possibilidades de pesquisa, sendo busca geral, por tema, sinalário, configuração de mão ou filtros por sinal ou configuração de mãos. Nas buscas por configuração de mãos, ao clicar-se em uma das configurações aparecem os sinais formados por tal configuração.

O primeiro aspecto a ser destacado é que, ao inserir a palavra no cursor de busca, a ferramenta retorna outros termos que apresentam essa sequência de letras em sua composição. Por exemplo, ao buscarmos o sinal de “lápiz”, tivemos a possibilidade de selecionar os termos “lapiseira”, “lápiz” ou “lápiz-de-cor”. Após selecionar o termo visado, tivemos o seguinte retorno:



Fonte: CEAD UFV (2024).

Como evidenciado na figura 05, temos a representação do sinal registrado em vídeo. No caso do vídeo, é possível que o usuário reduza a velocidade de sinalização, a fim de identificar com mais facilidade a realização do sinal. Além disso, temos disponível uma frase na língua portuguesa, a inserção de uma frase na estrutura da Libras, em glosa, e a indicação da configuração de mão na qual o sinal é realizado.

Um aspecto positivo da obra é que, por suas diferentes ferramentas de busca, auxilia-se surdos e ouvintes no aprendizado da Libras, e sua microestrutura inclui exemplos na língua portuguesa, em Libras - apesar de ser em glosa -, e a configuração de mão do sinal correspondente. Ainda, ele é um dos únicos que, em sua descrição, aponta o público-alvo e as funções, deixando esses aspectos demarcados.

Finalmente, o Glossário Libras, da Universidade Federal de Santa Catarina, teve início em 2006, com o desenvolvimento dos primeiros estudos e ações do primeiro curso de Letras-Libra do país. Desse modo, Martins (2018, p. 373) aponta que:

[...] Nesta época, a equipe de tradução e interpretação, que trabalhava com o curso de Letras Libras, perceberam que muitos termos não possuíam sinais e, com isso, começaram a discutir sobre como buscar os sinais já estabelecidos e, também, como criar novos sinais para aqueles termos que não possuíam um sinal específico. Então, esta equipe começou a trabalhar com o Glossário de Letras Libras, que atualmente é reconhecido como Glossário de Libras, para oferecer os sinais-termo específicos da área. Como já posto, esta equipe trabalhava no curso de Letras Libras e por esse motivo chamava o material pedagógico de Glossário de Letras Libras. Durante os anos de 2006 a 2010, discentes, docentes e tradutores do curso acessavam o material para saber os sinais-termo.

Por se tratar de um glossário, ele está distribuído em áreas do conhecimento, sendo Arquitetura, Ciências Biológicas, Cinema, Informática, Letras-Libras, Literatura e Psicologia. Dentro dessas áreas do conhecimento, é possível identificar sinais-termos mobilizados nessas áreas. No caso do sinal analisado em todos os dicionários anteriores, conseguimos identificar o sinal de “lápiz” no glossário de Arquitetura.

Nele, assim como aconteceu em dicionários anteriores, ao buscarmos pelo termo “lápiz”, tivemos o retorno de outro sinal que também possuía essa sequência de letras, no caso, o sinal de “lapiseira”. Abaixo, segue figura com captura de tela com o sinal “lápiz”.



Fonte: Glossário Libras - UFSC (2024).

Nesse caso, assim como apresentado na tabela anterior, há um vídeo que ilustra a realização do sinal em Libras e, nesse, é possível realizar o download, aumentar ou diminuir a tela de visualização, ou alterar a velocidade. Para aprendizes iniciantes ou com pouca familiaridade com a língua, a possibilidade de ampliar a tela ou reduzir a velocidade da sinalização mostra-se como ferramentas importantes. Ainda, há a indicação da configuração de mão e da locação do sinal, além da tradução do termo para a língua inglesa e uma avaliação acerca do uso. Apesar da indicação que varia o sinal registrado em *SignWriting*, identificamos que esse recurso se encontra indisponível.

Além da ilustração do sinal em vídeo, em outras abas na parte superior da tela podemos identificar uma descrição do sinal feita em Libras, esse sinal sendo exemplificado e aplicado em frases e a possibilidade de consulta a outras variantes para esse mesmo termo.

Sobre alguns pontos que nos chamaram a atenção, destacam-se as possibilidades de busca que o dicionário oferece ocorrem principalmente a partir da Libras, a exemplo de configurações, locações, movimentos, ou desses parâmetros combinados. Ainda, como trata-se de uma obra que registra sinais-termos de várias áreas do conhecimento, os usuários têm à disposição uma ferramenta acessível em Libras que, além de apresentar o sinal, faz a sua descrição, apresenta exemplos e possíveis variações.

A partir da análise dos aspectos macro e microestruturais que compõem esses dicionários, conseguimos identificar que os dicionários impressos *Iconografia* (Gama, 1875) e *Linguagem das Mãos* (Oates, 1969) são considerados pré-stokeano, uma vez que privilegiam em sua constituição aspectos mais iconográficos, a exemplo da forma como a ilustração do sinal é feita e de sua descrição. O *Dicionário enciclopédico ilustrado trilingue: língua de sinais brasileira - Novo Deit- Libras* (Capovilla; Raphael; Mauricio, 2013) pode ser considerado pós-stokeano, tendo em vista que insere informações de cunho iconográficos, a exemplo da ilustração e do desenho do sinal em Libras, mas contempla também informações linguísticas, apresentando a realização do sinal a partir da descrição dos parâmetros que o compõem e ilustrando outras variações para um mesmo sinal. No caso das obras digitais, todas podem ser consideradas pós-stokeanas, considerando que se vinculam a universidades públicas e que foram desenvolvidas por profissionais da área da Linguística da Libras.

A partir da análise desses dados, conseguimos identificar, assim como apontado por Capovilla, Raphael e Mauricio (2011), que alguns dos dicionários impressos apresentam mais informações em uma única entrada, são rapidamente acessíveis e estão menos sujeitos a alterações. Contudo, essas obras têm como língua de registro a língua portuguesa escrita, o que demanda a inserção de outras estratégias como ilustrações e descrição da realização do sinal.

No caso dos dicionários digitais, todos possuem a inserção de vídeos, o que facilita o acesso ao sinal e dá mais autonomia ao usuário surdo, haja vista que todas as

informações principais constam nessa língua. Ainda, um aspecto que nos chamou a atenção e foi identificado nas obras digitais Dicionário Libras - Acessibilidade em Libras e Dicionário de Libras foi a ilustração da aplicação do sinal por meio de glosa. Como sabemos, a glosa é um recurso que demonstra a estruturação linguística da Libras por meio do registro escrito na língua portuguesa. Nesses casos, acreditamos que as obras digitais poderiam ter inserido diretamente o vídeo sinalizado em Libras, uma vez que esse é um tipo de registro presente nos dicionários e dialoga com as propriedades linguísticas visuais-espaciais da Libras.

5 Considerações finais

Como buscamos evidenciar em nossas análises, os dicionários de Libras têm assumido diferentes características ao longo do tempo e, em virtude disso, possuem organização e usos sociais distintos. Desse modo, abordamos neste estudo o papel dos dicionários enquanto instrumentos de padronização de uma possível sinalização em Libras, uma vez que, dada a dicionarização de alguns termos, eles tendem a serem usados com uma maior frequência.

Ainda, ao discutirmos a constituição estrutural de alguns dicionários de Libras existentes no país, verificamos que todos apresentam características e funções variadas. Sendo que, a maioria, apesar de trazerem o significado de um termo em contexto e com alguma exemplificação, possuem uma organização estrutural pautada na Língua Portuguesa, com explicações e exemplificações nessa língua, isso tanto as obras impressas como algumas virtuais. Ainda, as obras impressas, de modo a contemplar a visualidade da língua, optam por ilustrações ou desenhos.

No caso das obras digitais, visualizamos que duas delas apresentam informações variadas na língua portuguesa escrita e, no caso da aplicação dos sinais em exemplos, optam pela inserção em formato de glosa. No entanto, verificamos que, por se tratar de uma ferramenta tecnológica, o registro em vídeo contemplaria de maneira mais direta as propriedades dessa língua, tornando-se, assim, uma ferramenta

mais acessível para os usuários Surdos. Contudo, as obras digitais têm se destacado pelo acesso livre e gratuito, tornando-se também acessível a diferentes públicos.

Em termos comparativos, verificamos a existência de dicionários que prezam pela valorização de aspectos iconográficos e outros que, diferentemente, buscam contemplar informações iconográficas e linguísticas. Nesse caso, constatamos a necessidade de que profissionais da área de Linguística da Libras atuem na produção desse instrumento, possibilitando, assim, uma ferramenta que contemple os aspectos linguísticos da língua, mas, ao mesmo tempo, possua aspectos de acessibilidade e de usabilidade.

Esperamos que os resultados alcançados com esta investigação possam contribuir com os processos de construção e organização de novos dicionários em Libras, compreendendo a necessidade de que esses instrumentos se ancorem nas propriedades linguísticas da Libras e se atentem a uma organização macro e micro considerando as peculiaridades dessa língua visual-espacial.

Referências

ACESSIBILIDADE BRASIL. **Dicionário da Língua Brasileira de Sinais - V3**. 2011. Disponível em: http://www.acessibilidadebrasil.org.br/libras_3/. Acesso em: 25 mar. 2024.

BRASIL. **Lei n.º 10.436**, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras - e dá outras providências.

BRASIL. **Decreto n.º 5.626**, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei n.º 10.098, de 19 de dezembro de 2000.

BUTTI, C. **Léxico e cognição**: as representações de mundo por meio de designações infantis. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/14473>. Acesso em: 08 set. 2023.

CAPOVILLA, F. C.; RAPHAEL, W. D., MAURICIO, A. C. **Novo Deit- Libras: Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira (Libras)**. 3º ed. São Paulo: Editora de Universidade de São Paulo, 2009.

CALVET, L. **As políticas linguísticas**. Florianópolis e São Paulo: Parábola Editorial/IPOL, 2007. p. 166.

CONSTÂNCIO, R. F. J. **Relações de arbitrariedade e iconicidade na formação de sinais em Libras**. Tese (Programa de Pós-Graduação em Letras), Cascavel, 2022. DOI <https://doi.org/10.48211/sociodialeto.v13i37.497>

CORREIA, M. C.; FERREIRA, J. P. Dicionários e vocabulários ortográficos na constituição da norma. *In*: MOITA-LOPES, P. L. (org.). **O português do século XXI**. São Paulo, SP: Parábola, 2013. p. 297-318.

DINIZ, H. G. **A história da língua de sinais dos surdos brasileiros: um estudo descritivo de mudanças fonológicas e lexicais da Libras**. Dissertação de mestrado. UFSC, 2010.

DOUETTES, B. B. **A tradução na criação de sinais-termos religiosos em Libras e uma proposta para organização de glossário terminológico semibilíngue**. Dissertação (Universidade Federal de Santa Catarina - Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução). Florianópolis, 2015.

FREITAS, C. K. I. **Recursos dicionarísticos como apoio para o profissional tradutor e intérprete de Libras/Português**. Dissertação (Universidade Federal de Viçosa - Programa de Pós-Graduação em Letras). Viçosa, 2021.

GAMA, F. J. *Iconographia dos signaes dos surdos-mudos* / Flausino José da Gama. — Rio de Janeiro: INES, 2011. **Série Histórica do Instituto Nacional de Educação de Surdos**, 1. Disponível em: <http://repositorio.ines.gov.br/ilustra/handle/123456789/114>. Acesso em: 22 mar. 2024.

GESSER, A. **Libras? Que Língua é essa?** São Paulo: Parábola, 2009.

GIBBS, G. **Análise de dados qualitativos: coleção pesquisa qualitativa**. Bookman Editora, 2009.

INES, **Dicionário da Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS** organizado pelo Instituto Nacional de Educação de Surdos - INES. Disponível em: <https://www.ines.gov.br/dicionario-de-libras/>. Acesso em: 21 mar. de 2024.

LAGARES, X. C. **Qual política linguística?:** desafios glotopolíticos contemporâneos. Parábola, 2018.

MARTINS, A. C.; CAPOVILLA F. C. Metalexiconografia comparativa em seis dicionários de línguas de sinais de diferentes eras: análise preliminar. **Revista (Con)textos Linguísticos**, 12 (21), p. 28-40, 2018.

MARTINS, F. C. **Terminologia da Libras:** Coleta e registro de sinais-termo da área de Psicologia. UFSC, Florianópolis SC, 2018.

MOREIRA, D. A. **O método fenomenológico na pesquisa.** São Paulo: Pioneira Thomson, 2002.

OATES, E. C. S. S. R. **Linguagem das Mãos.** 2º ed. Aparecida- SP: Editora Santuário, 1983.

SOFIATO, C. G. **Do desenho à litografia:** a origem da língua brasileira de sinais. Instituto de Artes. Tese de doutorado. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP: [s.n.], 2011. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/796432>. Acesso: 17 maio 2023.

SOFIATO, C. G; REILY, L. Companheiros de infortúnio”: a educação de “surdos-mudos” e o repetidor Flausino da Gama. **Rev. Bras. Educ.**, Rio de Janeiro , v. 16, n. 48, p. 625-640, dez. 2011. DOI <https://doi.org/10.1590/S1413-24782011000300006>

SOFIATO, C. G; REILY, L. **Justaposições:** o Primeiro Dicionário Brasileiro de Língua de Sinais e a Obra Francesa que Serviu de Matriz. 2012. DOI <https://doi.org/10.1590/S1413-65382012000400003>

SOFIATO, C. G; REILY, L.H. **Dicionarização da língua brasileira de sinais:** estudo comparativo iconográfico e lexical. 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/vY3XRbKqCzKG6kLpQdhd3dN/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 16 jul. 2022.

STOKOE, W. C. **Sign Language Structure:** An Outline of the Visual Communication Systems of the American Deaf. Studies in Linguistics: Occasional Papers, nº 8. Buffalo. University Press, 1960.

TURAZZA, J. S. O dicionário e suas funções. *In:* BASTOS, N. B. (org.) **Língua Portuguesa:** uma visão em mosaico. São Paulo: IP-PUC-SP/EDUC, 2002. p. 153-71.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA. **Dicionário de Libras**. s.d. Disponível em: <https://sistemas.cead.ufv.br/capes/dicionario/>. Acesso em: 28 mar. 2024.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA. **Glossário de Libras**. s.d. Disponível em: <https://glossario.libras.ufsc.br/>. Acesso em: 27 mar. 2024.

QUADROS, R. M. *et al.* Documentação de Línguas de Sinais. **Fórum Linguístico**, v. 17, n. 4, p. 5444-5456, 2020. DOI <https://doi.org/10.5007/1984-8412.2020.e77336>

QUADROS, R. M.; KARNOPP, L. B. **Língua de sinais brasileira**: estudos linguísticos. Artmed Editora, 2004. DOI <https://doi.org/10.18309/anp.v1i16.560>

Artigo recebido em: 30.03.2024

Artigo aprovado em: 16.09.2024